



CIÊNCIAS HUMANAS

Samba no Mercado Público: imagens narradas

Samba in the Public Market: narrated pictures

Maria Laura Brenner Moraes¹

RESUMO

Este texto analisa as manifestações culturais expressas nos espaços/tempos de Samba no Mercado Público de Pelotas – Estado do Rio Grande do Sul, a partir de depoimentos de alguns integrantes dos grupos musicais participantes, de algumas pessoas assíduas aos sábados de samba, de registros de minhas vivências e observações e de um conjunto de imagens, – neste estudo, consideradas um artefato cultural, com o objetivo de conhecer mais profundamente essas práticas culturais, assim como os motivos que incitam diferentes atores sociais a expressarem seus talentos nesse espaço. Pelo cenário a ser pesquisado e pelos objetivos propostos, optei pelo uso de uma abordagem qualitativa de investigação. Os materiais coletados foram organizados em categorias evidenciadas no decorrer do processo investigativo, possibilitando uma sistematização dos dados colhidos e a elaboração de algumas conclusões a respeito dos estudos realizados.

Palavras-chave: *performance; imagens, práticas culturais; subjetividade.*

ABSTRACT

This text analyzes the cultural manifestations expressed in Samba spaces times in the Public Market of Pelotas - State of Rio Grande do Sul, based on the testimonies of some members of the participating musical groups, some assiduous people on samba Saturdays, My experiences and observations, and a set of images, - in this essay, considered as a cultural artifact, with the purpose of knowing more deeply these manifestations, as well as the motives that incite different social actors to express their talents in that space. Based on the scenario to be researched and the proposed objectives, we opted for the use of a qualitative research approach. The collected materials were organized in categories evidenced in the course of the investigative process, enabling a systematization of the collected data and elaboration of some conclusions regarding the studies carried out.

Keywords: *Performance; images; cultural practices; subjectivity.*

¹ IFSul - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Pelotas/RS - Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O termo Espaço Público surge cada vez mais como fonte de uma base de discussão transversal às diversas ciências, suscitando permanentemente novas abordagens. Atualmente, têm surgido diversos estudos que utilizam como cerne da questão o espaço público urbano, seja ao nível da abordagem da sua estrutura, função, projeto, seja ao seu caráter semântico e social (BORJA, 2005; SERPA, 2004; CASTELLS, 1996; HARVEY, 1992).

Historicamente, a música popular brasileira sempre foi um poderoso aparato de produção de subjetividades. Várias características o explicam: entre elas, sua ligação com as camadas populares de onde surgiu, expressando seus problemas, necessidades e anseios (NOVAES, 2001). Nesse contexto, situa-se o samba. De acordo com os estudos realizados por Muniz Sodré (1998) o samba é a principal forma de música de raízes africanas surgidas em nosso País. O nome samba é, provavelmente, originário do nome angolano *semba*, um ritmo religioso, cujo nome também se refere a um estado de estar *animado* ou *exaltado*. Gênero musical dotado de compasso binário e ritmo sincopado, encontra sua origem relacionada com outros gêneros musicais populares marcados com a expressão corporal e dança, conferindo-lhe natural sexualidade.

Muniz Sodré (1998) destaca a importância do negro na formação do samba, assim como seus vínculos religiosos, encontrando suas origens nos batuques trazidos pelos africanos vindos como escravos para o Brasil. Os batuques estavam, geralmente, associados a elementos religiosos, instituindo entre os negros uma espécie de comunicação ritual por meio da música, da dança, da percussão e dos demais movimentos corporais. Neste sentido, o samba é considerado como um movimento de continuidade e afirmação dos valores culturais negros, uma cultura não oficial e alternativa, colocando-se como uma forma de resistência cultural ao modo de produção dominante da sociedade no início do século XX.

Feitos esses comentários iniciais, a seguir apresento as origens, os objetivos, as orientações metodológicas e as ferramentas teóricas utilizadas. Na sequência, trago alguns dados sobre o terreno do samba e abordo as tardes e noites de Samba no Mercado. Finalizo tecendo algumas considerações com base na revisão bibliográfica realizada, nos objetivos propostos e nos dados obtidos junto aos músicos e demais atores sociais.

2. ORIGENS, OBJETIVOS, ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS E FERRAMENTAS TEÓRICAS

Em decorrência de um gosto pessoal, no ano de 2014, com certa frequência comecei a ir ao Mercado ouvir e apreciar os momentos dedicados ao samba. E, já nas primeiras vezes, minha atenção voltou-se ao fato de algumas pessoas aproveitarem esse espaço para expressarem, de alguma forma, seus talentos, desejos de cantar, dançar, enfim, de manifestarem-se de um modo muito particular e à vontade. Porém, percebia que ao fazê-lo, ganhavam visibilidade e reconhecimento de seu fazer, por parte dos/as demais, tornando-se assim verdadeiros/as personagens do Samba no Mercado. Desde então, passei a questionar-me sobre: quem são essas pessoas? O que fazem em seus cotidianos? O que os/as incitam a se manifestarem, evidenciando suas formas de se expressar em um espaço público, sem medo e com certa dose de ousadia. Em decorrência, interessei-me cada vez mais por esses espaços/momentos que, sem dúvida nenhuma, representam um conjunto de produção e de práticas culturais prenhe de significados de uma sociedade, pelos quais, se pode compreender

padrões de comportamento, assim como algumas ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem.

Corroboram nesse sentido, os estudos de Stuart Hall (1997), ao apontarem a relevância de tratar-se de como a cultura produz subjetividades. Neste sentido, é significativo compreender-se como a cultura, por meio de suas diferentes manifestações e instrumentos, produz novas formas de ser, de estar e de compreender o mundo. São valiosas, portanto, as articulações entre cultura, discurso e produção subjetiva, desenvolvidas no campo dos Estudos Culturais.

Foram objetivos deste estudo: investigar as relações sociais e culturais estabelecidas nas Rodas de Samba promovidas no Mercado Público de Pelotas; introduzir nos cursos de formação de professores, nos quais exerço a docência, estudos sobre a centralidade da cultura nos processos educativos; desenvolver estudos teóricos, sobre as potencialidades da utilização da cultura visual nas práticas pedagógicas; compreender o que motiva, incita diferentes atores sociais a expressarem seus talentos em espaços públicos.

Pelo cenário pesquisado e pelos objetivos propostos, optei pelo uso de uma abordagem qualitativa de investigação. A trajetória de investigação foi alicerçada em estudos bibliográficos realizados de forma crítica e ampla procurando, de um lado, dar conta, minimamente, do estado do conhecimento atual sobre o tema e, de outro, estabelecer um diálogo reflexivo entre a teoria e o objeto de investigação.

Como fontes de documentação de pesquisa, foram utilizadas informações não escritas, ou seja, relato de minhas vivências no campo de investigação, dados colhidos pelas entrevistas realizadas, junto a um número expressivo de músicos e participantes assíduos/as das Rodas de Samba e análise de trezentas e vinte e sete imagens publicadas nas páginas do Facebook dos grupos musicais e do acervo de Laura Cruz Fotografia, Produção e Arte, fotógrafa oficial dos referidos grupos.

Desde a explosão dos sistemas audiovisuais no final da década de 70, tem havido um crescente interesse pelo visual, levando historiadores/as, antropólogos/as, sociólogos/as, educadores/as a discutirem sobre a necessidade de uma alfabetização visual, expressa em diferentes designações, como leitura de imagens e cultura visual (SARDELICH, 2006). De acordo com Fabris (1998) a imagem não é apenas resultado de uma ação artística, mas sim uma possibilidade de estruturar o espaço a partir de um determinado ponto de vista.

Interpretar imagens não se constitui em uma tarefa fácil, pois captam em um breve lapso de tempo, movimentos corporais, insinuações de vibrações sonoras, desejos, inspirações, enfim, manifestações poéticas da essência humana e, especificamente neste caso, uma manifestação cultural impregnada de nossas heranças culturais, certamente, em muito determinantes de nossas maneiras de ser, de fazer e de dar significado ao nosso mundo. Do mesmo modo, apreender e expor o conjunto de ideias descrito pelos/as integrantes dos grupos musicais e pelos/as diferentes atores sociais é um desafio. A apreensão realizada representa o resultado de uma interpretação própria e seletiva, a partir dos elementos descritos. É preciso, portanto, criar um terreno comum, com linguagens e modos comuns de raciocínio para relacionar conceitos aparentemente díspares, assim como, inversamente, para analisar, decompor, intuir, descobrir diferenças essenciais entre conceitos aparentemente semelhantes.

Como aproximar-me dessa teia de significados constituidoras de sentidos às vidas humanas, manifestas em um espaço com tanta força histórica e simbólica como o Mercado Público? Como desvendar esse enredo? Nessa perspectiva, na procura de novas lentes, me dispus a embrenhar-me pelo caminho do imaginário e do equilíbrio entre prosa e poesia. Uma trilha muito nova, certamente percorrida com muita fragilidade e malemolência, embalada pelo ritmo da batucada pulsante em meu desejo de conhecer mais profundamente essas manifestações.

Tomei como ponto de partida a afirmação do antropólogo Gilbert Durant de que as imagens são formas encontradas pelos seres humanos para dar sentido ao mundo cotidiano, enquanto resposta à angústia existencial frente à experiência da passagem do tempo e do envelhecimento (DURANT, 2002).

Entretanto, para criar significado é preciso imaginar, criar sistemas simbólicos de representação. Assim, as crenças, as práticas, as maneiras de fazer, de ser – a cultura de um determinado grupo social -, são resultantes do imaginário, expresso nesses sistemas simbólicos. Enfim, imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja através das artes, através das ciências, ou através dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano.

Vale destacar que, de acordo com Durant (2002) as imagens se agrupam em torno de um núcleo, ou seja, de uma energia psíquica. Nesse movimento, as imagens se organizam em dois regimes: o diurno e o noturno. O regime diurno é definido como o da antítese, de oposição entre palavras ou ideias. Caracteriza-se pela percepção da passagem do tempo, do medo da destruição e de uma correspondente reação a essa percepção, na forma de fuga do tempo destruidor e da busca por uma vitória sobre o destino e a morte. Nesses termos o imaginário diurno é apolíneo, da ordem, da disciplina, da individualização (DURANT, 2002).

Por sua vez, o regime noturno, tem função de unir e harmonizar. Engloba as estruturas mística (unir) e sintética (harmonizar). A estrutura mística é constituída por inversão do valor afetivo atribuída às faces do tempo. Resume às técnicas do aconchego. A sintática considera a noite necessária para o amanhecer, enfim a dialética do eterno retorno. Nesses termos, o imaginário noturno é dionísico, é da boemia, da festa, da desordem, da poesia.

De um modo geral, se pode chamar de apolíneo e dionisíaco tudo aquilo relacionado com os mitos gregos de Apolo e Dionísio. Apolo pode ser nomeado como *deus dos poderes configuradores*, porque, no mundo grego, ele governa a forma, a proporção, gerando a harmonia e a bela aparência das coisas, inclusive dos sonhos. Apolo também figura como *deus resplendente e divindade da luz* porque a luz também é capaz de gerar ilusão. A resplendência se caracteriza por um grande volume de luz; a tal ponto de se constituir um “espetáculo” de grande beleza e ser capaz de ocultar tudo que está a sua volta. Ela por si mesma se faz aparência (GONTIJO, 2006).

A presença dionisíaca se apresenta em oposição a ilusão apolínea. Dionísio é o *deus da vida*, da metamorfose, da desmedida, da morte, do sexo, da dor e da música. De acordo com os estudos de Gontijo (2006) Dionísio é a expressão da vida como uma experiência autêntica, na qual a alegria é vivida quando a situação o pede e o sofrimento não é negado quando a dor se lhe apresenta. Dionísio expressa assim, a necessidade de se assumir a vida tal qual ela é, sem artifícios, sem aparências, sem máscaras.

Da mesma forma, considerarei relevante trazer como auxílio teórico algumas contribuições de Edgar Morin (2005) sobre o fato de o ser humano, em qualquer contexto cultural, produzir duas linguagens: “uma empírica, prática, técnica; outra, simbólica, mítica, mágica” (MORIN, 2005, p.35). Conforme o autor, a cada uma dessas linguagens corresponde um estado: o prosaico e o poético. Se, por um lado, a vida cotidiana – determinada pelo estado prosaico – é tomada pelo esforço por perceber e raciocinar, de outro, a dança, o canto, o culto, as cerimônias e a poesia, podem produzir no ser humano um estado poético. Desse modo, como afirma Morin (2005, p.36), na vida, convive-se com essa dupla existência, essa dupla polaridade, na qual “poesia-prosa constituem, portanto, o tecido de nossa vida”. A poesia é a estética, o amor, o gozo, o prazer, a participação, e, no fundo, a vida (MORIN, 2005, p.59).

Por fim, saliento que um processo de pesquisa, quando se propõe a investigar pessoas e as tramas estabelecidas em suas relações, exige do/a pesquisador/a uma atenção sobre o dito e escrito, na tentativa de, tanto quanto possível, dar voz ao dizível, ao indizível, ou não dizível. Deste modo, foram mantidas as transcrições das falas e escritas, respeitando a fidelidade do sentido das expressões utilizadas.

3. MERCADO PÚBLICO: O TERRENO DO SAMBA

Imagine que para a troca se realizar é necessário o encontro. E a troca não será apenas de mercadorias. Ideias, palavras, experiências e sensações fazem parte do encanto (VARGAS, 2001, p.11).

Considerado um dos principais patrimônios culturais do Rio Grande do Sul, o Mercado Público de Pelotas – conhecido como Mercado Central - situa-se no centro histórico da cidade, sendo construído entre os anos de 1848 e 1853. Entre os anos de 1911 e 1914 a edificação sofreu uma reconstrução e em 1969, boa parte do prédio foi destruída em decorrência de um grande incêndio. Conforme estudos de Moura e Schlee (2003, p.18), “inúmeros foram os projetos previstos para a sua destruição ou sua total descaracterização”. Mesmo assim, seu caráter popular e a sua relação com a cidade não permitiram sua destruição.

No ano de 1912, em virtude do primeiro centenário da cidade, o prédio passou por uma reforma, mudando sua característica arquitetônica para *Art Nouveau*. Neste período foi importada da Europa a estrutura metálica de seu interior e a Torre do Relógio proveniente de Hamburgo - Alemanha.

A partir de 2009, iniciou a reforma de restauração do Mercado Público com o intuito de devolver a originalidade do interior do prédio.

Após seu processo de restauração e de revitalização, o Mercado Público tem se tornado mais atrativo e qualificado para o atendimento de demandas comerciais e culturais apresentadas pela população.

Pinçar em nossas memórias a figura do Mercado, inevitavelmente é aflorar a lembranças de muitos cheiros, de muitos sabores, de muita desordem de sensações e diversos significados. Também é pensar em um lugar no qual o relacionamento entre as pessoas ultrapassa suas diferenças de cultura, raça, credo de tal forma, que as contradições passam despercebidas. Historicamente, assim se constituíram os mercados públicos.

Nesse sentido e em muitos outros, o lugar Mercado é emblemático. É simbólico. É lugar de encontro. É o coração da cidade e testemunha de suas transformações e da sociedade. E, sendo tão antigo, presenciou tristezas, encontros, desencontros, alegrias e paixões. Como afirma Netto (1999, p.118):

(...) Se o espaço mantém um relacionamento direto com o corpo do indivíduo, adquirindo uma significação precisa, ele alimenta igualmente uma relação não menos direta com o imaginário do indivíduo.

O interior, a intimidade do Mercado de Pelotas se abre, se oferece a todos/as sem exceção, sejam brancos, negros, ricos, pobres, remediados, mulheres, homens, jovens e crianças, andantes de rumo certo, ou simplesmente errantes, através dos portões centrais e das arcadas localizadas na Rua Andrade Neves. Em forma de cruz, coloca-se como uma encruzilhada e, frente a ela, somos impelidos/as à passagem. A encruzilhada é um lugar de intersecção, de alternativas, de oportunidades e mudanças. Ponto crítico onde uma decisão deve ser tomada. Entra-se, sente-se a energia das forças ali presentes e se continua a vida. Não é um lugar de contemplação.

4. TARDES E NOITES DE SAMBA DE MERCADO SAMBA CLUBE

Os integrantes do *Grupo Mercado Samba Clube*, na sua maioria, são músicos profissionais, participantes de grupos de samba atuantes na noite de Pelotas. Tocam em casas noturnas, restaurantes, e festas particulares. Além da música, muitos também exercem atividades profissionais das mais diversas. São profissionais liberais, empresários, funcionários públicos, comerciários, bancários, motoristas, aposentados, militares reformados. Mas antes e, acima de tudo, músicos, apaixonados por samba e, extremamente, dedicados à sua execução com a máxima perfeição e qualidade.

Com respeito às razões pelas quais o grupo tomou a decisão de participar sistematicamente do Samba no Mercado Público, o organizador do grupo, afirma que, na verdade, o *Mercado Samba Clube* é formador das chamadas rodas de Samba do Mercado. Antes da formação das tardes de samba, como acontecem atualmente, os primeiros integrantes, do que viria a ser o *Mercado Samba Clube*, reuniam-se aos sábados, após o meio dia para tocar samba no pátio interno do Mercado.

É sábado de *Mercado Samba Clube* e os integrantes do grupo vão chegando. Os músicos colocam seu banner e se organizam. Os músicos se colocam lado a lado, utilizando um sistema de palco e linha e logo começam a tocar e a cantar.

No distanciamento, entre músicos e público, cria-se um espaço repleto, de possibilidades, podendo ser apropriado para realizações de performances diversas. Logo, se evidenciam movimentos de danças individuais ou em duplas. Nas duplas percebe-se um simples jogar-se em absoluta confiança no/a outro/a que ampara. E, os/as solitários encontram a música como uma fiel companheira.

A música embala a emoção, aguça os sentidos e faz-se o movimento. O espaço é ocupado, aproveitado, qualificado pelas sensações que instigam, provocam as pessoas, agora impelidas, convocadas pelo ritmo e pelo espaço em aberto a viver um estado poético, apoderando-se do espaço na busca do prazer, do movimento, da gestualidade e da produção de novas, diferentes e inusitadas realidades. Ao pisarem o chão, com movimentos diferenciados de seus pés, interpretam e conduzem a poesia do corpo.

Dispor-se ao ritmo, ao movimento significa permitir-se invenção, novas formas de trançar as relações humanas, novas sensações e imaginação. É despir-se das certezas e tentar equilibrar-se nas cordas da incerteza pelas quais seja possível sentir o sabor e o canto do corpo em movimento. E, neste exato momento, a prosa racional não serve para explicar a alegria. A alegria é inexplicável, pertence ao estado do sensível, da experiência, no sentido daquilo que acontece, toca, chega e compromete. É, simplesmente, um deixar-se abusar pela vida que pulsa ao ritmo do samba. É o giro a levar.

Do ponto de vista dos músicos, este é o momento da liga. O público gosta da música, os casais dançam, se encontram e seus corações pulsam em um novo ritmo. Nas palavras de um músico de 78 anos: "[...] nota-se a alegria pelo olhar de encantamento das pessoas, pelos seus sorrisos". Outro músico, dedicado cinquenta anos ao samba, declara: "o Mercado antigamente era escuro. Hoje tem vida! Sente-se a marcação da vida! O povo está vindo, gostando, aproveitando". E complementa: "o que mais agrada é ver as pessoas dançando. É a felicidade no coração da cidade".

Corroboram nesse sentido, as declarações de dois protagonistas dançantes: "[...] dançar para mim é uma terapia, bem-estar. É colocar o corpo a serviço do samba" (Masculino/49 anos). "Vivo o momento com um único sentido: o de me entregar de corpo inteiro, como se nada existisse a minha volta. É momento de expressar meus sentimentos. Eles afloram! (Feminino/42 anos).

O uso do chapéu de malandro é mantido pelos integrantes do grupo musical em análise, demonstrando, ainda nos dias de hoje, uma persistência na manutenção de uma estreita relação entre samba e malandragem. Corroboram neste sentido as afirmações de Hobsbawm (1984) quando define a tradição inventada como um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica com vistas a inculcar certos valores e normas de comportamento pela repetição, implicando, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1984).

De acordo com o sociólogo Florestan Fernandes em sua obra *A integração do negro à sociedade de classes* (1978) quando começa a decair o modo de produção escravocrata, os senhores começaram a se livrar de parte da mão-de-obra servil, mesmo antes da Abolição, provocando uma migração considerável de negros para as áreas urbanas à procura de melhorias. A precariedade socioeconômica e a difícil adaptabilidade da população negra aos moldes da sociedade de trabalho livre, fornece os ingredientes para o imaginário brasileiro construir a figura do homem negro como indivíduo desinteressado do trabalho, preguiçoso, vivendo a expensas da mulher. Tal situação é captada pela sensibilidade do negro, que a transmite por intermédio da música. E assim, passa a imperar a figura do malandro. Entretanto, a malandragem deve ser entendida como rejeição ao trabalho braçal, traduzindo uma narrativa sobre um modo de ser daqueles/as que não encontrando lugar para a satisfação de suas necessidades, para a valorização, reconhecimento e manutenção das suas crenças, rituais e tradições, reagem não de forma passiva ao que lhes é imposto, se solidarizam, dando seu jeito próprio no convívio com as dificuldades cotidianas (NOVAES, 2001).

Com referência aos sentimentos da experiência de um Sábado de Samba, alguns relatos são esclarecedores. Uma professora de 58 anos de idade, assim se refere:

E hoje é dia de samba no mercado. É dia de aproveitar a alegria, a satisfação desse momento em que podemos brincar, rir, dançar, ouvir uma boa música. É a alegria batendo em nossa porta, dizendo vem para cá! Vem ouvir melodias que animam, alegram, trazem boas lembranças.

Uma senhora aposentada de 70 anos, afirma “[...] é muito bom! Me sinto feliz! Aprecio e aproveito o que eles sabem fazer de melhor: cantar e tocar a velha guarda. Isto é uma maravilha para o público!” Por sua vez, um senhor de 64 anos diz: “aqui se faz amizades, se toca e se ouve música de qualidade. Volto para casa feliz da vida! O dia de Samba no Mercado limpa a nossa alma!”

Um sambista profissional de 47 anos, professor, estudioso do gênero musical e da cultura popular, bisneto de uma mulher negra e de um imigrante italiano militante anarquista, afirma ter suas raízes imantadas por uma forte herança africana *bantu* de Angola, assim como por uma forte herança política. Em sua consideração, somos profundamente marcados pela herança cultural angolana responsável por nos configurar corporalmente. De acordo com o sambista, a influência africana aparece em uma série de traços culturais e pode ser vista no idioma, na música, nas manifestações religiosas e no próprio jeito de se comportar do povo brasileiro. Para ele, seu sambar é determinado “[...]de um lado pela dinâmica da tradição reinventada e, de outro, pela imaginação criadora de sua corporeidade”.

Sobre o movimento cultural promovido pelo Samba no Mercado, a mais antiga cantora de rádio, natural do Município de Rio Grande, mãe de um casal de filhos, filha do organizador do Primeiro Regional de Chorinho do Estado, envolvida profissionalmente com a música desde os cinco anos de idade e ainda em atividade aos 79 anos, avalia o Samba do Mercado como uma expressão da valorização dada pelos pelotenses à cultura popular. Segundo suas palavras, “é uma oportunidade ímpar para todos/as de qualquer idade aproveitar, divertir-se e tornarem seus dias mais felizes”.

Uma dançarina assídua de 49 anos, percebe o movimento cultural promovido pelo Samba no Mercado, como uma estratégia para transformar a sociedade, a partir da integração e participação de todos. Além disto, considera que o Samba no Mercado retrata o samba popular antigo, trazendo-o para a atualidade, conservando o hábito de ouvir, cantar e dançar com a boa cultura retratada.

Na avaliação de um jovem músico percussionista de 17 anos os sábados de samba é uma novidade na cidade, sendo excelente não só para os músicos, mas para todas as pessoas que passaram a frequentar e a se tornarem assíduas. Relata que ao acordar nos sábados de mercado, logo pensa em não se atrasar por desejar estar cedo e tocar. Segundo suas palavras: “[...] me dá uma sensação de bem estar. Pior! Dá mesmo! A música é alegria, é bom astral, é tudo de bem”.

Uma frequentadora de 47 anos, assim relata suas impressões sobre o Samba no Mercado:

Acabou de sair daqui o guardador de carro que veio nos cumprimentar. Hoje ele deixou o trabalho dele para vir nos acompanhar e, daqui a pouco ele está aí usufruindo e cantando no meio do povo. Esta é a importância do samba no mercado: a mistura. É ter do teu lado o engenheiro, o médico, o cuidador de carro. É isto que faz o mercado ter graça.

De acordo com um músico de 63 anos e mecânico de profissão, o samba de raiz é a expressão mais autêntica de nossas origens. É uma coisa boa, maravilhosa de ser ouvida, contagiando o povo: o branco, o preto, o rico, o pobre, a professora, o prefeito, o médico, o mecânico. É cor e corda, sem teclado, diferenciando-se assim do pagode. Ainda conforme o referido músico, o samba de Pelotas é muito respeitado. Para ele, Pelotas é um berço de ótimos sambistas. E, agora, o povo pode apreciar o samba e a qualidade dos músicos com as Rodas de Samba do Mercado.

As lentes focalizam e registram um número expressivo de imagens da Torre do Relógio do Mercado.

A Torre do Relógio e o Farol de ferro fazem alusão a Torre Eiffel. Originalmente, do Farol que servia de base à estátua do deus Mercúrio, emergia luz de uma poderosa luminária rotativa, espargindo raios para todos os quadrantes da cidade (MOURA; SCHLEE, 2003).

Entre os gregos, Mercúrio – também conhecido como Hermes -, é a divindade protetora do umbral das casas e dos caminhos, afastando aos múltiplos perigos. Também, guardião das longas e solitárias estradas, protetor dos comerciantes, deus das artes acadêmicas e da eloquência. Ainda, protetor das encruzilhadas, assim como Exu, o mais jovem dos orixás - remotos fundadores das famílias arcaicas, de linhagens perdidas no passado (PRANDI, 2001). Conforme Prandi (2001), o poder de Exú é incomensurável, pois ele se multiplica ao infinito, guarda e habita toda casa, rua, cidade e mercados.

Considero a recorrência da imagem da Torre do Relógio no foco das lentes, assim como no logotipo e na estampa das camisetas do grupo *Samba Mercado Clube* como uma manifestação de símbolos ascensionais e espetaculares, situados em um regime diurno de imagens proposto por Durant (2002).

É um símbolo ascensional por sua verticalidade, aproximação com o céu, com as nuvens, com o poder e ostentação, demonstrando um acercamento com a racionalidade, com marcações de espaços/territórios e controle do tempo. É um símbolo espetacular aproximado com a luz, de igual forma relacionada a racionalidade, ao imóvel, ao sólido, ao rígido, a desconfiança às seduções do tempo, a procura da simetria e, por fim, o pensamento por antítese no qual a luz se opõe às trevas, o amor ao ódio, o paraíso ao inferno, ao viver e ao morrer.

Ainda, no mesmo sentido e conforme Bachelard (1989, p.59) “todos os objetos retos e em pé designam um zênite”. Uma forma reta e em pé alimenta no ser humano seu instinto de verticalidade, recalcado pelas obrigações da vida comum, da vida regularmente horizontal. Conforme Bachelard, “entre as fantasias que nos aliviam, as mais eficazes e simples, são as da altura” (1989, p.59). Em suas palavras “muitos sonhos de voar nascem num estímulo da verticalidade diante de seres retos e verticais. A fantasia verticalizante é a mais libertadora das fantasias” (BACHELARD, 1989, p.60).

Do mesmo modo, é um símbolo diairético – o falo, o pontiagudo - capaz de representar a separação entre o bem e o mal, ainda evidenciando a sexualidade masculina e o sentimento de potência.

Entretanto, é importante assinalar que capturar sentidos a partir de uma imagem é mergulhar em águas mais profundas em busca do não explícito, do submerso, do oculto, do transversal, do não implicado.

Nessa perspectiva, a cena, a imagem capturada da Torre do Relógio, muito próxima ao céu do qual vem as mais variadas manifestações dos mistérios do mundo, também exprime um simbolismo de transcendência, de sacralidade, de perenidade, traduzindo-se em m convite à ascensão.

As lentes embaladas pelo ritmo do samba conversam com as possibilidades de transcendência, em um tempo e estado de poesia. Talvez, isto signifique enxergar a manifestação da essência humana, apesar da luminosidade da racionalidade.

5. É SÁBADO DE RENASCENÇA

O grupo musical *Renascença* é oriundo dos concursos de bandas promovidos, anualmente, pelo mais antigo jornal do Município. Nas palavras de um de seus fundadores: “montamos o grupo somente para este evento, porém depois ficamos com vontade continuar e achamos interessante fazer isso no Mercado Público, lugar central e berço da cultura”. Quando iniciaram, o Mercado recém tinha reaberto e a maioria das bancas ainda estava fechada.

De acordo com outro dos músicos fundadores do grupo, de 33 anos, dedicado à música desde os 15 anos de idade, cantor e percussionista, a grande maioria dos integrantes do grupo tem sua vida própria e muitas vezes o dia do samba se torna o dia de rever, reunir os familiares, algo agradável para todos. Na sua consideração, o Samba do Mercado “é um movimento totalmente voltado para o bem, movido por pessoas do bem – tanto por parte do público quanto dos músicos”. E complementa

As ações sociais, o ambiente totalmente familiar, tornam a ida ao samba como algo saudável e prazeroso. Não há quem não se sintam bem estando ali. O fato de se tratar de algo sem fins lucrativos permite aos integrantes se envolverem somente com o carinho e dedicação requeridos pelo projeto. O resultado impagável está em vermos um Mercado Público lotado a cada sábado de nossas apresentações.

Do mesmo modo que o *Mercado Samba Clube*, seus integrantes chegam e vão organizando o espaço. É colocada nas estruturas metálicas do Mercado sua bandeira com a figura de Paulinho da Viola com os seguintes dizeres: “[...] tá legal, eu aceito o argumento, mas não me altere o samba tanto assim”. Conforme o músico referido anteriormente, “essas escolhas se deram, basicamente, para limitar o repertório e tornar evidente a proposta do grupo”.

A seguir dispõem bancos e cadeiras em torno de uma mesa central sobre a qual são colocadas as imagens em miniatura dos Santos Cosme e Damião, acompanhadas pela figura de Doum, deslocando a simbologia dos santos sincretizados católicos para o terreno da Umbanda. Nesta crença recebem o nome de Ibêji. Como divindades gêmeas, Orixás gêmeos ou Orixá duplo, são conhecidos como os Orixás do amor e alegria. Ibêji é formado a partir do princípio básico da dualidade. Entre as divindades africanas, Ibêji indica a contradição, os opostos, lembrando que todo fato ou circunstância, têm dois lados, e, portanto, a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos sob os mesmos critérios. Por sua parte, Doum seria o primeiro filho nascido depois dos Gêmeos, o terceiro ponto, balizador do equilíbrio e da justiça com igualdade (PRANDI, 2001)

São dispostos sobre a mesa instrumentos musicais. Em alguns, estão presas várias fitas de Nosso Senhor do Bomfim, trazendo para o espaço compartilhado, sensações de partilhas de intimidade, traduzidas nos valores e crenças valorizadas pelos integrantes do grupo. Demonstrem assim, o desejo de estabelecer naquele espaço uma narrativa de encontro, de entrosamento, enfim de um regime noturno, no qual seja possível sentir a vida mover-se em um contínuo movimento. Há clara e sentidamente evidências de aconchego e de bem-estar.

O místico se expressa nas fitas do Nosso Senhor do Bom fim atadas nos cavaquinhos como nas figuras de Cosme, Damião e Doum. Disso parecem desprenderem-se sentimentos de envolvimento do grupo musical em direção ao público. Estão todos juntos e se forma uma grande roda na qual se pode

constatar vida, alegria e unidade. Conforme lembra Edgard Morin (2005), o estado poético pode ser vivenciado por cada um e por todos pela dança, pelo ritmo da música, pelo culto às crenças.

O espaço agora é um território qualificado. A arena é um círculo, uma grande roda, associando-se ao movimento, aos ciclos, aos recomeços e renovações, como um símbolo de deslocação e de libertação das condições e lugares.

Com respeito à formação em roda, um dos músicos explica que

O samba de roda é um ramo rítmico do samba, na sua forma primordial. Originado na Bahia, possivelmente criado no século XIX, é reconhecido justamente pela disposição dos sambistas em círculo, pois normalmente o samba tinha início depois da conclusão das rodas de capoeira, visando o entretenimento das pessoas ali presentes. Já, naquela época, as rodas eram repletas de disposição e de bom-humor (Masculino/33anos).

Outro músico de 27 anos afirma que o formato de roda é mais acolhedor para os músicos, podendo ficar mais próximos e sentirem-se mais à vontade. Em suas palavras: “[...] a roda facilita também a sinergia entre os músicos, pois a proximidade entre todos é maior”.

Ainda, sobre a formação em roda, uma frequentadora de 47 anos afirma: “[...] a roda é união. A roda é não faz distinção em nada. A roda une, a roda puxa. É, simplesmente um portal”.

Aos poucos a música com seu forte ritmo parece ter a capacidade de conciliar os contrários e dominar a fuga da existência diante do tempo, vai provocando movimentos corporais no público. E ao movimentar-se se dirige cada vez mais para perto do grupo, formando uma grande roda. A totalidade do espaço, tornado território por sua ocupação, é inteiramente de um/a, de outro/a, de todos/as. O tempo é percebido como um ciclo de plenitude.

Sobre o Grupo *Renascença*, uma senhora de 69 anos, casada e aposentada, declara:

Venho sempre que posso, embora eu tenha vergonha de dançar. Mas não posso ouvir a batida do tambor. Eu não sei se está no sangue. Menina! Eu fico louca. Quando o Renascença está tocando eu venho. Não posso perder. Na outra encarnação eu quero ser cantora. Eu fico feliz, feliz quando volto para casa.

O batuque, o canto, a dança vai tomando conta de todos/as os/as presentes. O repertório característico do grupo lembra que Deus é maior e quem tem fé nunca está só; a força de Oxóssi rei das matas; a fé em Tia Ciata de Oxum, Mãe-de-Santo respeitada e transmissora da cultura popular, sacerdotisa de cultos e ritos de tradição africana.

O sol se dirige ao horizonte e a sombra, o crepúsculo da noite – como luminosidade decrescente, se aproxima e, certamente chegará, trazendo ondas de emoção quebradas e beijadas pelo luar. Os pensamentos e emoções tomam a forma e as cores da indecisão de um final de dia. E na passagem do dia para a noite há possibilidade de transformação das preocupações diurnas para as sensações de acolhimento, de bálsamo e abrigo noturno. É o jogo de luz e sombra presente na vida com suas necessidades, temores esperanças, paradoxos e absurdos.

A guia das noites, aparece! As lentes captam sua presença. A lua faz companhia à Torre do Relógio. Ao comporem a mesma cena, a mesma imagem, emprestam ao símbolo de poder, de ostentação, de racionalidade, a brandura, a proteção, a essência humana, a vida, o sonho, a poesia, o encantamento.

A lua no céu e Ibêji no centro da mesa permite ao observador atento ser tocado por sensações de equilíbrio entre a vida vivida e a desejada, entre o tempo de viver e o tempo de morrer, entre o tempo de experiência da prosa e do necessário tempo de experiência da poesia. Enfim, o equilíbrio entre o diurno e o noturno no imaginário humano.

Em pleno céu do coração pulsante da cidade, Torre e lua unidas irradiam para todos os quadrantes um estado poético, acolhedor, transformador e equilibrador.

E o grupo finaliza. Mas, o Renascença traz uma particularidade muito especial: de início ao fim, a família dos integrantes do grupo se faz presente. E, nas palavras da mãe de uma jovem tocadora de pandeiro, “[...] Ela foi acolhida pela roda. Aqui ela aprende os valores de amizade, de respeito, de humildade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem pretender ser conclusiva, teço algumas considerações, julgadas, por mim, pertinentes, a partir da revisão bibliográfica realizada, dos objetivos propostos, dos registros das vivências e observações e, das informações coletadas junto aos músicos e atores sociais presentes nos sábados de Samba no Mercado.

Os espaços/tempos dedicados as Rodas de Samba têm se caracterizado como lugar por excelência de socialização, de encontro e manifestação de diferentes grupos sociais e culturais. Nas práticas culturais vivenciadas, as fronteiras entre participantes e expectadores são fluidas e intercambiantes. Diferentes linguagens expressivas - música, ritmo, dança, signos - imbricam-se, produzindo a polissemia, tornando-as atraentes e prazerosas a tantos e diversos grupos sociais.

Os grupos musicais participantes são diferenciados. Enquanto no *Mercado Samba Clube* encontra-se um conjunto de músicos experientes e empenhados em trazer para o público a música vivenciada nos bares da noite, na boemia da seresta, no grupo *Renascença* encontra-se um grupo de jovens músicos empenhados em trazer ao mercado, tanto samba de raiz, como também o criado e executado por sambistas atuais.

Em cada caso, o uso e a definição ritual do espaço concretizam e problematizam o jogo entre diferentes temporalidades. O *Mercado Samba Clube* e o *Renascença* adotam respectivamente a linha e a roda como formas básicas de seu espaço ritual. Através da visualidade do espaço, da lógica de seu uso pela dinâmica de suas respectivas narrativas, esses rituais nos trazem diferentes noções do tempo e de sua passagem.

Os grupos aproximam públicos diferentes. Nos sábados de *Renascença*, o samba é na mesa, o público é mais presente, o movimento é maior, o estilo do samba é mais forte, mais marcado pela percussão, o povo fica em volta da mesa, reagindo e interagindo com o grupo. Já nos sábados de *Mercado Samba Clube*, o público é menor e formado por pessoas simpatizantes das danças em casal. Como lembra Pierre Bourdieu (1998) o gosto e as práticas de cultura de cada um são resultantes de um feixe de

condições específicas de socialização. É na história das experiências de vida dos grupos e dos indivíduos que podemos apreender a composição de gosto e compreender as vantagens e desvantagens materiais e simbólicas que assumem.

Quanto ao significado da participação no Samba no Mercado, os dois grupos, assim como as demais pessoas entrevistadas, coincidem em considerá-la um tempo/espço de reunião, de conagraamento e de descontração, de estado de poesia, liberto do tempo/estado cotidiano da prosa.

Na nossa sociedade, as relações de gênero têm atingido homens e mulheres de formas diferentes. A problemática do gênero está presente, seja na divisão do trabalho, seja no aspecto dado à diversidade, seja na imputação de prioridades a grupos vulneráveis (MORAES, 2013, p.86).

Embora este estudo não esteja focado em questões de gênero, não se pode deixar de afirmar que há uma expressiva participação de mulheres nas apresentações do *Mercado Samba Clube e do Renascença*.

De igual forma, as crianças e os jovens têm seu lugar, compondo-se, dessa forma, em um espaço livre para a iniciativa, criatividade, iniciação, aprendizagem e ensaios de *performances*. Em decorrência adotam o ritmo do samba como fundo musical para um pacto de convite iniciático, introduzem-se em uma experiência misteriosa, necessária de ser experimentada e vivida. Uma comunicação gestual de convocação a liberdade de permitirem-se penetrar em um campo no qual a música e o movimento conduz a um alinhamento energético entre seres humanos com possibilidades de produzir um efeito profundo nas maneiras de ser e estar no mundo. É uma aproximação para um exuberante encantamento dos jovens corpos em movimento. Outros/as se deixam apenas aproveitar!

Ao final resta expressar com apoio nas contribuições de Pierre Bourdieu (1998) acerca da sociologia das práticas de cultura que as conceitua como todo tipo de comportamento cotidiano, toda ação constituinte da rotina dos indivíduos ou dos grupos. Em sua avaliação, toda prática que, compondo o dia-a-dia de cada um/a, explicita um modo de ser e fazer dos agrupamentos humanos. Como bem afirma Brandão (2007, p.49) "a educação do homem existe por toda a parte e é o exercício de viver e conviver que o educa". Portanto, a educação e formação humana são resultados da ação de todo o meio sociocultural sobre seus participantes. Neste sentido, considero de extrema importância trazer para o contexto de formação de professores estudos e discussões sobre os modos como a cultura em suas diferentes manifestações e instrumentos, tem produzido novas subjetividades e novas formas de ser, estar e entender o mundo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BORJA, Jordi. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 2 ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é a educação**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Problemas de investigación en sociologia urbana**. 4 ed. Madrid: Siglo XXI, 1996.

DURAND, Gilbert. (2002). **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Editorial Presença.

FABRIS, Annateresa. Redefinindo o conceito de imagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.18, n.35, p.217-224, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

GONTIJO, Fernanda Belo. O apolíneo e o Dionísio como manifestações da arte e da vida. **Existência e Arte** - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro de 2006.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBSBAWM, Eric. "Introdução" In: HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

MORAES, Maria Laura Brenner de. **Condições de trabalho docente no contexto confessional comunitário mercantilizado**: um estudo de caso. Pelotas:UFPEL, 2013, Tese, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

MORIN, Edgar. **Amor poesia sabedoria**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. 2 ed. Pelotas: Pallotti, 2003.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

NOVAES, José. Um episódio de produção de subjetividade no Brasil de 1930: malandragem e Estado Novo. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 39-44, jan./jun. 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo. Companhia das Letras. 2001

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v.36, n.128, p.451-472, Maio/Ago. 2006.

SERPA, Angelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **Revista GEOUSP** – Espaço e Tempo, São Paulo, n.15, p.21-37, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

VARGAS, Heliana Camin. **Espaço terciário**: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo. Editora Senac, 2001.